

CARNAVAL



Querido amigo, seja bem-vindo!

Paz, luz e muita harmonia em todos os corações!

O Carnaval, com suas cores, corpos e sons acabou-se.

Hora de refletirmos sobre como a festa impactou nossos sentimentos e rever os conceitos emitidos.

Durante mais de sete dias o interesse geral centrou-se sobre a folia. Ao ligar a tv, lá estavam as escolas em luxuosas demonstrações desse ou daquele tema, enquanto que em cima dos atacadistas os corpos esculturais "vestidos" de tinta, assombravam pela beleza e ousadia.

Normalmente o espírita, mais esclarecido na questão quando olha para esse tipo de demonstração de alegria popular, olha com certa censura, com um quê de desagrado nos olhos, porque sabe que a verdadeira alegria não consiste em fantasiar-se de penas e outros adereços e sair atrás de atabaques frenéticos ou mesmo ensurdecadores carros elétricos, mas sim viver a vida plenamente, aceitando o que a Providência Divina coloca em seu caminho e transformando dias de desesperança em fortaleza de bom-ânimo, dias de sorte em tesouros de prudência, dias de felicidade em jardins de esperanças; tempos de sofrer em promessas de felicidade; dias de sorrir em poder de realizar...

Mas em tempo algum o espírita transformará o dia de semelhante, qualquer que seja, em dia de censurar, prejudicar, desfazer... Ao invés disso, que sejam esses os nossos dias de demonstrar o quanto a doutrina avançou portas adentro de nosso entendimento e, arregaçando as mangas, trabalhemos ainda muito mais a favor de todos nossos irmãos que, em nome da alegria, plantam aos pés espinheiros de difícil extirpação porque, como nos diz André Luiz na mensagem da semana, "é assim que a espontaneidade no bem estabelece a caridade real".

INDULGÊNCIA

A luz da alegria deve ser o facho continuamente aceso na atmosfera das nossas experiências.

Circunstâncias diversas e principalmente as da disciplina podem alterar o clima de paz, em redor de nós, e dentre elas se destaca a palavra impensada como forja de incompreensão, instalar entrechoques.

Daí o nosso dever básico de vigiar a nós mesmos na conversação, ampliando os recursos de entendimento nos ouvidos alheios.

Sejamos indulgentes.

Se erramos, roguemos perdão.

Se outros erraram, perdoemos.

O mal que desejamos para alguém, hoje, suscitará o mal para nós, amanhã.

A mágoa não tem razão justa e o perdão anula os problemas, diminuindo complicações e perdas de tempo.

É assim que a espontaneidade no bem estabelece a caridade real.

Quem não reconhece as próprias imperfeições demonstra coerência. Quem perdoa desconhece o remorso.

Ódio é fogo invisível na consciência.

O erro, nosso, requer a bondade alheia; erro de outrem reclama a clemência nossa.

A Humanidade dispensa quem a censure, mas necessita de quem a estime.

E ante o erro, debalde se multiplicam justificações e razões. Antes de tudo, é preciso refazer, porque o retorno à tarefa é a consequência inevitável de toda fuga ao dever.

Quanto mais conhecemos a nós mesmos, mais amplo em nós o imperativo de perdoar.

Aprendamos com o Evangelho, a fonte inexaurível da verdade.

Você, amostra da Grande Prole de Deus, carece do amparo de todos e todos solicitam-lhe o amparo.

Saiba, pois, refletir o mundo em torno, recordando que o espelho, inerte e frio, retrata os aspectos dignos e indignos à sua volta, o pintor, consciente, buscando criar atividade superior, exterioriza na pureza da tela os ângulos nobres e construtivos da vida.

ANDRÉ LUIZ

(Ideal Espírita, 76, CEC)

http://www.geocities.com/ideal_andreluiz/